



*Eduardo Filipe Moraes
de Aquino*

duarrdoo4@gmail.com

*Universidade Federal de
Lavras, Brasil*

A EMOÇÃO PROPORCIONADA PELA BOLA LARANJA: UM REPASSO PELA HISTÓRIA DO BASQUETE MASCULINO NOS JOGOS OLÍMPICOS (1936-2024)

Resumo - O objetivo deste artigo é adentrar na história do basquete masculino nos Jogos Olímpicos, desde sua implementação, em 1936, até a última edição, em 2024, por meio dos resultados, participantes das edições e com o suporte de temas como a profissionalização das ligas, a forma de classificação à competição, a globalização no que tange a modalidade e a geopolítica. Em relação aos métodos, o estudo configura-se como de âmbito qualitativo, quantitativo e descritivo, além de possuir os procedimentos técnicos bibliográfico e documental. Por meio dos dados, foi possível observar o número de participações de cada país, os medalhistas em cada edição da competição e a quantidade de medalhas das nações que, no mínimo, conseguiram uma de ouro, prata ou bronze. Desta forma, visualiza-se fatos como: o amplo domínio estadunidense na modalidade, o bom número de participações do Brasil e que Ásia e África ainda não possuem um país medalhista. Após os quadros, foram aludidas, de acordo com a literatura sobre o tema, as edições do basquete masculino nos Jogos Olímpicos. Como conclusão, foi visto um certo padrão em relação às seleções medalhistas de prata e de bronze, tendo nos primeiros anos, a aparição de alguma seleção do continente americano acompanhando Estados Unidos e União Soviética; desde a edição realizada em Barcelona, em 1992, seleções como Lituânia, Espanha, Sérvia e França continuam mostrando a solidez do basquete europeu, além da Argentina foram as que mais se destacaram - sendo esta, a única seleção da América Latina a conquistar a medalha de ouro; e, além dos Estados Unidos, outras 6 seleções do continente americano conseguiram ao menos uma medalha - Argentina, Brasil, Canadá, Cuba, México e Uruguai.

Palavras-chave: basquete; Jogos Olímpicos; história.

THE EMOTION PROVIDED BY THE ORANGE BALL: A REVIEW THROUGH THE HISTORY OF MEN'S BASKETBALL IN THE OLYMPIC GAMES (1936-2024)

Abstract - The objective of this article is to delve into the history of men's basketball at the Olympic Games, from its implementation in 1936 to the last edition in 2024, through the results, participants in the editions and with the support of topics such as the professionalization of leagues, the way in which the competition is classified, globalization regarding the sport and geopolitics. In relation to methods, the study is qualitative, quantitative and descriptive in scope, in addition to having technical bibliographic and documentary procedures. Through the data, it was possible to observe the number of participations of each country, the medalists in each edition of the competition and the number of medals of the nations that, at least, achieved one gold, silver or bronze. In this way, facts such as the broad USA dominance in the sport, the good number of Brazilian participations and that Asia and Africa still do not have a medalist country can be seen. After the pictures, according to the literature on the subject, the men's basketball editions at the Olympics were mentioned. As a conclusion, a certain pattern was seen in relation to the silver and bronze medalist teams, with in the first years, the appearance of some team from the American continent accompanying the United States and the Soviet Union; Since the edition held in Barcelona in 1992, teams such as Lithuania, Spain, Serbia and France continue to show the solidity of European basketball, in addition to Argentina, they were the ones that stood out the most - this being the only team from Latin America to win the medal of gold; and, in addition to the United States, 6 other teams from the American continent achieved at least one medal - Argentina, Brazil, Canada, Cuba, Mexico and Uruguay.

Keywords: basketball; Olympic Games; history.

LA EMOCIÓN QUE PROPORCIONA EL BALÓN NARANJA: UN REPASO A LA HISTORIA DEL BALONCESTO MASCULINO EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS (1936-2024)

Resumen - El objetivo de este artículo es profundizar en la historia del baloncesto masculino en los Juegos Olímpicos, desde su implementación en 1936 hasta la última edición en 2024, a través de los resultados, los participantes en las ediciones y con el apoyo de temas como la profesionalización de las ligas, la forma en que se clasifica la competencia, la globalización en cuanto al deporte y la geopolítica. Con relación a los métodos, el estudio es de alcance cualitativo, cuantitativo y descriptivo, además de contar con procedimientos técnicos bibliográficos y documentales. A través de los datos se pudo observar el número de participaciones de cada país, los medallistas en cada edición de la competencia y el número de medallas de las naciones que, al menos, lograron un oro, plata o bronce. De esta manera, se pueden comprobar hechos como: el amplio dominio estadounidense en el deporte, el buen número de participaciones brasileñas y que Asia y África aún no tienen un país medallista. Después de las imágenes, según la literatura sobre el tema, se mencionó las ediciones del baloncesto masculino en los Juegos Olímpicos. Como conclusión, se observó un cierto patrón con relación a los equipos medallistas de plata y bronce, apareciendo en los primeros años algún equipo del continente americano acompañando a Estados Unidos y la Unión Soviética; Desde la edición realizada en Barcelona en 1992, equipos como Lituania, España, Serbia y Francia siguen mostrando la solidez del baloncesto europeo, además de Argentina, fueron los que más destacaron siendo este el único equipo de origen latino. América ganará la medalla de oro; y, además de Estados Unidos, otros 6 equipos del continente americano lograron al menos una medalla: Argentina, Brasil, Canadá, Cuba, México y Uruguay.

Palabras-clave: baloncesto; Juegos Olímpicos; historia.

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v9.id211](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v9.id211)*

Recebido: 06 mai 2025

Aceito: 10 set 2025

Publicado: 21 out 2025



Introdução

O basquete é uma das modalidades mais populares do mundo, sendo praticado por milhões de adeptos ao redor do globo. Ligas como a espanhola, grega, turca, australiana, brasileira, argentina e, principalmente, a estadunidense movimentam as emoções dos torcedores nesses países e, também, mundialmente. No que tange os torneios entre seleções, existem as competições continentais - com destaque à Copa América e ao Eurobasket -, e as mundiais, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos.

Myerscough¹ cita que a modalidade foi criada em 1891, em Springfield, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, pelo professor de educação física nascido no Canadá, James Naismith. Ainda de acordo com o autor, Naismith, ao criar a modalidade, teve como objetivo acabar com os problemas de indisciplina dos alunos. Assim, o docente canadense estabelece alguns pontos como: a igualdade entre as duas equipes em garantir a posse de bola, o jogo deveria ser fácil e simples de ser aprendido e o jogo violento teria de ser evitado.

Cinco anos depois, em 1896, em Atenas, na Grécia, criado por Pierre de Coubertin, foi realizada a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna². Contudo, as modalidades coletivas foram incluídas na competição somente na edição seguinte, em 1900, na cidade de Paris, na França. Mesmo com o acréscimo das modalidades coletivas, o basquete apareceu pela primeira vez nos holofotes olímpicos em 1904, em St. Louis, nos Estados Unidos, de forma demonstrativa³.

Um pouco mais de três décadas após surgir de maneira demonstrativa em solo estadunidense, o basquete entrou em definitivo nos Jogos Olímpicos realizados em Berlim, em 1936⁴. O Brasil esteve presente nesta edição, fato que faz da modalidade uma das mais antigas entre as equipes coletivas brasileiras nos Jogos Olímpicos⁵.

Ao longo das edições, o número de nações participantes foi se modificando. Em Londres, na Grã-Bretanha, em 1948, 23 equipes; em Helsinque, na Finlândia, e em Moscou, na Rússia, 16 seleções; e em Los Angeles, nos Estados Unidos, em 1984, 12 seleções, número que persiste até hoje⁶. Conforme De Rose Junior⁶, a diminuição no número de participantes é uma questão séria à FIBA e ao Comitê Olímpico Internacional (COI), visto que seleções que possuem um forte elenco não participam da competição.

Em relação à direção do basquete nos Jogos Olímpicos, a *International Basketball Federation* (FIBA) - em português, Federação Internacional de Basquete - é a responsável

por conduzir a modalidade. Ademais, no basquete, a FIBA possui outras responsabilidades como fomentar e desenvolver a modalidade em todo o globo, apoiar o COI na análise das candidaturas para receber os Jogos Olímpicos e a modalidade, além de cooperar para o alcance dos objetivos constituídos na Carta Olímpica⁷.

Um ponto chave para a modalidade foi, através do *Dream Team* (Time dos Sonhos), a aparição dos atletas da *National Basketball Association* (NBA), nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992⁸. Essa profissionalização foi fundamental para a mudança do panorama do basquete masculino nos Jogos Olímpicos, não só para os Estados Unidos, mas, também, para as outras seleções⁶. Após os Jogos Olímpicos de Barcelona, a modalidade, além do apelo midiático, passou a ter uma maior visibilidade, tendo em vista que os principais jogadores do mundo finalmente estavam disputando os Jogos Olímpicos⁹.

Ainda assim, o aumento da popularidade do basquete ao redor do globo foi fundamental para que os jogadores estrangeiros estivessem presentes na NBA. Durante a década de 90, a liga expandiu a busca por atletas estrangeiros, fato que pode ser visualizado através do crescimento no número de jogadores oriundos de outros países: na temporada 1988-1989, havia 23 atletas estrangeiros na liga de basquete estadunidense, 10 anos depois, o número saltou para 40, na temporada 2006-2007 foram 87¹⁰ e, no começo da temporada passada eram 125 atletas estrangeiros¹¹.

A partir disso, o basquete se expandiu ainda mais, fato que pode ser visto no número de atletas estrangeiros na NBA e que estiveram nos Jogos Olímpicos, sendo 50 atletas dos 144 convocados, sendo Estados Unidos, Canadá e Austrália os países com mais atletas¹². Além da NBA, é importante ressaltar a quantidade de jogadores que jogam na Euroleague - a principal competição de clubes realizada em solo europeu. Ao todo, 36 atletas deste torneio estiveram nos Jogos Olímpicos, sendo a maioria jogadores de seleções como Grécia, Sérvia e Espanha, além de países não europeus, como Brasil e Sudão do Sul¹³.

Mesmo não sendo o foco deste artigo, é importante ressaltar que, com a evolução do jogo e suas variáveis, foram surgindo outros formatos à modalidade, sendo um deles o basquete 3x3 que teve seu início em Tóquio, no Japão, na edição de 2020 (realizada em 2021)⁴ e seguirá no catálogo de modalidades olímpicas para Los Angeles, nos Estados Unidos, em 2028.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é adentrar na história do basquete masculino nos Jogos Olímpicos, desde sua implementação, em 1936, até a última edição, em 2024, por meio dos resultados, participantes das edições e com o suporte de temas como a profissionalização das ligas, a forma de classificação à competição, a globalização - no que tange a modalidade - e a geopolítica. Como problema de pesquisa para este estudo surge o seguinte questionamento: como se construiu a trajetória do basquete masculino nos Jogos Olímpicos ao longo dos 88 anos de participação? Por último, como justificativa, busca-se descrever um panorama sintético comentado sobre a modalidade nos Jogos.

Metodologia

O seguinte manuscrito é de âmbito qualitativo e quantitativo, além de possuir, de acordo com as tipologias citadas por Gil¹⁴, a classificação descritiva. Somado a isso, como procedimentos técnicos foram utilizados os métodos bibliográfico e documental. Em relação à classificação descritiva, esta é empregada para descrever as características de algum fenômeno - sendo, neste trabalho, a história do basquete nos Jogos Olímpicos, mediante as participações e os resultados que as seleções nacionais obtiveram ao longo das edições da competição.

Sobre a faceta bibliográfica, Sousa, Oliveira e Alves¹⁵ definem como o levantamento de obras que foram publicadas sobre a teoria e que orientará um trabalho científico. Ademais, Gil¹⁴ ressalta que, no que se refere às fontes, a pesquisa bibliográfica, tem como base os livros e os artigos científicos. Sendo assim, para direcionar o manuscrito de acordo com o tema proposto, foram selecionados artigos e livros que tivessem em seu conteúdo não só a história e os resultados do basquete nos Jogos Olímpicos, mas, também, temas como a profissionalização, a geopolítica e a evolução das ligas nacionais.

No que tange a classificação documental, segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani¹⁶, esta pesquisa se diferencia da bibliográfica na natureza de suas fontes, tendo como base as fontes primárias. Além disso, Kripka, Scheller e Bonotto¹⁷, ressaltam que, na pesquisa documental, os dados obtidos para a realização do estudo estão presentes nos documentos. Sendo assim, foram utilizados documentos referentes ao *Qualification System*, cujo objetivo foi complementar o conteúdo referente às formas de classificação

aos Jogos Olímpicos. Ademais, foram utilizados alguns endereços virtuais (*sites*) para maior atualização dos dados que ainda não possuem bibliografia sobre o tema.

Por último, sobre a interpretação dos dados presentes neste artigo, as informações referentes às participações e às seleções medalhistas em cada edição em que o basquete esteve presente nos Jogos Olímpicos foram tabuladas e, posteriormente, foram confeccionadas tabelas com estes números. Após isso, para a complementação dos resultados, foram analisados os conteúdos - de autores e documentos - que se correlacionam com os dados contidos nas tabelas.

Resultados e Discussão

Antes de iniciar a observação dos dados e dos números referentes às participações e aos medalhistas de cada edição, é fundamental citar alguns pontos que estão associados com as informações que virão posteriormente. Portanto, serão abordados temas como a globalização, a internacionalização e profissionalização da modalidade, além de fatores geopolíticos.

Como foi evidenciado na introdução deste manuscrito, os Jogos Olímpicos de 1992 e a atuação do *Dream Team* foram fatores determinantes para a evolução e para o crescimento da modalidade¹⁸. A partir de então, as partidas da NBA começaram a ser acessíveis em diversos países, ocasionando em um aumento no interesse pelo basquete durante a década de 90, especialmente em nações como Japão e Austrália¹⁸.

Chiba¹⁸ ainda ressalta que este fato influenciou, por exemplo, na criação da Euroleague (competição que possui equipes de alguns países europeus) e da *National Basketball League* (NBL), da Austrália. Ademais, o autor realça que as equipes dessas competições desenvolveram seus próprios estilos de jogo e de entretenimento durante as partidas, como no caso da BJ-League, competição que foi disputada em território japonês.

Arelado a isso, a globalização e a internacionalização do setor esportivo possuem um grande impacto no desempenho e nas atividades das equipes¹⁹. No que tange ao basquete, é possível visualizar que este componente se faz presente por meio das contratações de atletas e técnicos estrangeiros presentes nas competições em todo o planeta.

Segundo o documento *International Basketball Migration Report*, elaborado pela FIBA²⁰, as ligas espanholas, alemã, italiana, grega, israelense e francesa ultrapassam a

marca de 50% de atletas estrangeiros, com a média entre as ligas que estiveram presentes no estudo sendo de 45,1%. Também é importante observar o número de nacionalidades que são representadas nas ligas. Neste quesito, na temporada 2023/24, a liga espanhola teve jogadores de 45 países, seguida pelo campeonato alemão (38), francês (31), BNX - competição que possui equipes da Bélgica e dos Países Baixos - (29) e italiano (25).

No mesmo período, na NBA, 17% dos atletas eram estrangeiros, totalizando 98 jogadores - sendo: 48 do continente europeu, 28 do continente americano, 1 do continente asiático, 11 do continente africano e 8 da Oceania²⁰. Além disso, ao todo, 38 países estão sendo representados na principal liga de basquete do mundo, mesma quantidade da liga alemã e somente atrás da liga espanhola. Desta forma, a partir desses números, é possível visualizar a diversificação e a representação de diversos países em distintas ligas e continentes ao redor do globo.

Outro ponto a ser ressaltado é a profissionalização do basquete. Ivašković²¹ realça que, nas últimas três décadas, o basquete europeu passou por uma evolução organizacional que conseguiu manter seu sistema tradicional de competição em que as melhores equipes conseguem vagas para as competições continentais e as piores são rebaixadas. Em estudo que incluiu equipes da Bósnia e Herzegovina, Croácia, Eslovênia e Sérvia, Ivašković²¹ concluiu que, predominantemente, as equipes que estão na primeira divisão são consideradas profissionais, fato que evidencia a organização e a profissionalização dos clubes e, consequentemente, das ligas.

Ademais, a profissionalização da modalidade não está somente atrelada à organização das competições e das ligas, mas, também, às jogadas, aos treinamentos e aos movimentos que são feitos durante uma partida²². Ou seja, ações técnicas e táticas são aprimoradas com o tempo, podendo proporcionar partidas de melhor qualidade e de alto nível.

Sendo assim, com o avanço na profissionalização do basquete em diferentes âmbitos, as competições tendem a ficar mais organizadas, ocasionando melhores estruturas das equipes, partidas emocionantes e a evolução dos jogadores. Esses fatores podem cooperar com as seleções nacionais especialmente no que se refere aos atletas, visto que estes desempenham suas atribuições, na maioria do tempo, nos clubes que, participando de ligas profissionais. Assim, os atletas estão constantemente em atividade,

com uma boa estrutura e evoluindo seus atributos, podendo chegar em boa forma para a disputa de competições internacionais por suas seleções.

Há, também, fatores geopolíticos que envolvem o basquete nos Jogos Olímpicos. Territórios que antes da dissolução integravam a Iugoslávia e a União Soviética começaram a ter bons resultados na competição de maneira imediata, como, por exemplo, Croácia, Lituânia - medalhistas de prata e bronze, respectivamente, em 1992 - e Sérvia em 1996, conquistando a medalha de prata²³.

Além disso, a geopolítica também figurou nas rivalidades entre as nações, especialmente entre Estados Unidos e União Soviética²⁴, que proporcionaram cinco disputas de finais, partidas memoráveis e boicotes. Sobre o último ponto, em 1980, Moscou sediou os Jogos Olímpicos e os Estados Unidos não compareceram a esta edição. Quatro anos depois, em Los Angeles, a União Soviética não esteve presente, ocasionando, assim, a utilização do esporte como um instrumento político²⁵.

Em suma, após a abordagem de temas importantes em relação ao basquete ao redor do globo poderão ser visualizados, a partir dos quadros e das informações contidas nos parágrafos, dados referentes ao número de participações de cada país nos Jogos Olímpicos, os medalhistas de cada edição da competição e, por último, a quantidade de medalhas conquistadas por cada país que possui, no mínimo, uma medalha, seja de ouro, prata ou bronze.

Tabela 1 - Número de participações entre 1936 e 2024

Quantidade	Países
20	Estados Unidos
16	Austrália, Brasil
14	Espanha
13	Itália
11	França
10	Canadá, Iugoslávia, Porto Rico
9	China, União Soviética
8	Argentina, Japão
7	Alemanha, Egito, Filipinas, Lituânia, México, Tchecoslováquia, Uruguai

6	Coreia do Sul, Cuba, Polônia
5	Angola, Grécia,
4	Bulgária, Chile, Hungria
3	Bélgica, Irã, Nigéria, Peru, Rússia, Senegal, Suíça, Taipei
2	Finlândia, Grã-Bretanha, Nova Zelândia, Sérvia, Turquia, Venezuela
1	Cingapura, Comunidade dos Estados Independentes, Eslovênia, Estônia, Índia, Iraque, Irlanda, Israel, Letônia, Marrocos, Panamá, República Centro-Africana, República Tcheca, Romênia, Sérvia e Montenegro, Sudão do Sul, Tailândia, Tunísia

Fonte: o autor

No que tange o número de participações das nações na competição, todas ficaram, no mínimo, uma edição sem participar, sendo os Estados Unidos o país com mais participações (20 edições das 21 realizadas). Outras equipes do continente americano como Brasil - empatado com a Austrália no segundo lugar neste quesito -, Canadá, Porto Rico e Argentina se destacam no número de participações. No continente europeu é possível visualizar um maior equilíbrio nos países com mais participações, sendo a Espanha a líder neste item, com 14 presenças.

Sobre o continente africano, Angola lidera com 5 participações, número inferior ao de outros países, tendo em vista os outros continentes. Contudo, também há equilíbrio entre as seleções, considerando a falta de discrepância do número de participações entre os países. Na Ásia, China e Japão lideram com mais aparições, seguidos pela Coreia do Sul e, um pouco mais distante, o Irã. Por último, na Oceania, a Austrália é o país com o maior número de participações nos Jogos Olímpicos, estando ausente apenas em 5 edições. Além da seleção australiana, a Nova Zelândia conseguiu em duas ocasiões a vaga ao torneio olímpico de basquete masculino.

Sendo assim, é evidente que algumas seleções se destacam no número de participações. No entanto, a forma de classificação à competição é um fator importante em relação a esses dados. Não ocorreu fase classificatória nas duas primeiras edições em que o basquete esteve presente (1936 e 1948) - sendo necessária apenas as inscrições das seleções interessadas em participar; em 1952, o número foi limitado em 16 países (os seis primeiros dos Jogos Olímpicos de Londres, o campeão da Copa do Mundo, o país-sede, os dois primeiros colocados do torneio europeu e seis vagas do pré-olímpico)⁶.

Até 1976, o torneio olímpico de basquete contou com 16 equipes com a principal mudança, no que se refere a classificação aos Jogos Olímpicos, ocorrendo por meio

das vagas destinadas aos campeões continentais; porém, para a edição citada, em Montreal, o número de seleções diminuiu para 12, diminuindo o número de vagas procedentes da edição anterior dos Jogos Olímpicos e dos pré-olímpicos mundiais⁶. Nas edições de 1980 e 1996, os continentes americano e europeu tiveram o triplo e o quádruplo de vagas em relação aos outros continentes (em 1980, inclusive, foram destinadas vagas para os medalhistas da edição anterior)⁶.

Para a edição dos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, o critério de classificação foi alterado. Assim, as vagas foram designadas para o campeão mundial, um país de cada continente e as nações que estiveram da segunda até a quinta colocação na Copa do Mundo de Basquete, além do país-sede; fato este que, de acordo com De Rose Junior⁶, fez com que o continente europeu ficasse com a maioria das vagas. Na edição seguinte, em Atenas, no ano de 2004, os critérios de classificação novamente ficaram associados ao mundial, porém com um maior equilíbrio na divisão das vagas⁶.

Para os Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim, de 2012, em Londres, e de 2016, no Rio de Janeiro, as vagas foram divididas da seguinte forma: uma vaga para a equipe do país sede, uma vaga para o campeão da Copa do Mundo, uma vaga para o campeão da Oceania, uma vaga para o campeão asiático, uma vaga para o campeão africano, duas vagas (campeão e vice-campeão) europeu e americano, respectivamente, e três vagas provenientes do pré-olímpico²⁶.

Atualmente, as formas de classificação para os Jogos Olímpicos são a partir da Copa do Mundo de Basquete e dos torneios pré-olímpicos²⁷. Ao todo, 12 equipes se classificam à competição, sendo uma vaga destinada ao país responsável por sediar os Jogos Olímpicos, sete por meio da Copa do Mundo (duas vagas para o continente americano e europeu e uma para África, Ásia e Oceania) e quatro mediante os pré-olímpicos, não havendo limitações das vagas para os continentes. Assim como em Paris, em Tóquio, no ano de 2021, foi utilizado o mesmo critério de classificação.

Observando as formas de classificação de algumas edições do basquete nos Jogos Olímpicos, é possível verificar que, apesar da padronização em relação às vagas destinadas a cada continente, no decorrer das décadas, houve algumas mudanças. Contudo, para algumas edições não foram designadas vagas do pré-olímpico mundial ou ao campeão da Copa do Mundo da modalidade.

Ainda que sejam reservadas vagas a todos os continentes, é perceptível a diferença na quantidade destas, especialmente para a América e para a Europa, que tiveram o triplo e o quádruplo de equipes se classificando de forma direta à competição. Hoje, no que concerne às vagas diretas, América e Europa possuem o dobro de vagas dos outros continentes, podendo esta diferença aumentar através das seleções que se classificarem aos Jogos Olímpicos por meio do pré-olímpico mundial.

Tabela 2 - Edições e medalhistas - de 1936 a 2024

Edição	Local	Ouro	Prata	Bronze
1936	Paris	Estados Unidos	Canadá	México
1948	Londres	Estados Unidos	França	Brasil
1952	Helsinki	Estados Unidos	União Soviética	Uruguai
1956	Melbourne	Estados Unidos	União Soviética	Uruguai
1960	Roma	Estados Unidos	União Soviética	Brasil
1964	Tóquio	Estados Unidos	União Soviética	Brasil
1968	Cidade do México	Estados Unidos	Iugoslávia	União Soviética
1972	Munique	União Soviética	Estados Unidos	Cuba
1976	Montreal	Estados Unidos	Iugoslávia	União Soviética
1980	Moscou	Iugoslávia	Itália	União Soviética
1984	Los Angeles	Estados Unidos	Espanha	Iugoslávia
1988	Seul	União Soviética	Iugoslávia	Estados Unidos
1992	Barcelona	Estados Unidos	Croácia	Lituânia
1996	Atlanta	Estados Unidos	Iugoslávia	Lituânia
2000	Sydney	Estados Unidos	França	Lituânia
2004	Atenas	Argentina	Itália	Estados Unidos
2008	Pequim	Estados Unidos	Espanha	Argentina
2012	Londres	Estados Unidos	Espanha	Rússia
2016	Rio de Janeiro	Estados Unidos	Sérvia	Espanha
2020	Tóquio	Estados Unidos	França	Austrália
2024	Paris	Estados Unidos	França	Sérvia

Fonte: o autor

Tabela 3 - Maiores vencedores - 1936 a 2024

País	Ouro	Prata	Bronze
Estados Unidos	17	1	2
União Soviética	2	4	3
Iugoslávia	1	4	1
Argentina	1	0	1
França	0	4	0
Espanha	0	3	1
Itália	0	2	0
Sérvia	0	1	1
Canadá	0	1	0
Croácia	0	1	0
Brasil	0	0	3
Lituânia	0	0	3
Uruguai	0	0	2
Austrália	0	0	1
México	0	0	1
Cuba	0	0	1
Rússia	0	0	1

Fonte: o autor

Visualizando os quadros 2 e 3, é possível observar a dominância dos Estados Unidos na modalidade, com 17 medalhas de ouro, 1 medalha de prata e 2 de bronze; isto é, com 20 medalhas em 21 edições realizadas. A única edição dos Jogos Olímpicos em que a seleção estadunidense não logrou uma medalha foi em Moscou, em 1980, devido ao boicote realizado pela delegação dos Estados Unidos⁶. Apenas três equipes, além dos Estados Unidos, conseguiram ganhar a medalha de ouro, União Soviética - em duas ocasiões -, Iugoslávia e Argentina (o único país ainda existente), uma vez respectivamente.

Ao todo, 17 países conquistaram pelo menos uma medalha no basquete masculino nos Jogos Olímpicos. No entanto, até então, nenhuma nação da África e da Ásia conseguiram uma medalha na competição. Até a penúltima edição dos Jogos Olímpicos, a Oceania também não tinha um país com alguma medalha no basquete masculino; contudo, a Austrália conquistou o bronze no certame realizado em Tóquio.

As edições

Como salientado anteriormente, a primeira edição do basquete nos Jogos Olímpicos aconteceu em Berlim, em 1936. De acordo com De Rose Junior⁶, não havia um sistema de classificação à competição, as quadras eram descobertas - com piso de cimento ou terra batida - e as tabelas feitas com madeira. Pela primeira e única vez o pódio teve três seleções do continente americano - Estados Unidos, Canadá e México, com as medalhas de ouro, prata e bronze, respectivamente.

Assim como na década anterior, os anos 40 também tiveram apenas uma edição do basquete nos Jogos Olímpicos. Novamente, como em Berlim, não houve fase de classificação ao torneio, sendo a participação feita por meio de inscrição, tendo 50 países inscritos e 23 participantes⁶. O Brasil foi o primeiro medalhista sul-americano e os Estados Unidos conquistaram a medalha de ouro. De acordo com Carlson²⁸, a Harringay Arena, local que recebeu a modalidade, raramente estava lotada. Além disso, cita-se a pouca participação dos jornalistas estadunidenses que estavam mais interessados em cobrir o atletismo²⁸.

A década de 50 foi a primeira em que o basquete apareceu por mais de uma vez nos Jogos Olímpicos, tendo sua primeira edição em Helsinki, na Finlândia, em 1952. Ademais, segundo Grasso¹⁰, esta edição marcou o início da fase classificatória para os Jogos Olímpicos. 16 equipes participaram da competição realizada em Helsinque, em que os Estados Unidos, pela terceira vez consecutiva, foram medalhistas de ouro, seguidos da União Soviética, principal rival da seleção estadunidense nas edições posteriores, e do Uruguai. Na edição seguinte, em Melbourne, a ordem dos medalhistas foi a mesma - com o Uruguai sendo o primeiro país sul-americano a ser duas vezes medalhista olímpico na modalidade, mas com mudanças na regra como a introdução do cronômetro de 30 segundos após a posse da bola²⁹.

Houve, nos anos 60, três edições dos Jogos Olímpicos, em Roma, Tóquio e na Cidade do México. Em 1960, outra vez, o pódio teve duas equipes do continente americano e uma europeia - Estados Unidos, União Soviética e Brasil. Nesta edição, diferente do habitual, não foi realizada uma final, sendo os medalhistas decididos em um torneio com as quatro equipes mais bem classificadas⁶. No ano de 1964, a cidade de Tóquio foi o primeiro município asiático a receber os Jogos Olímpicos¹⁰, com os medalhistas e a classificação semelhantes a edição anterior, sendo a última medalha conquistada pelo basquete masculino brasileiro em Jogos Olímpicos. Por último, em 1968, na Cidade do México, pela primeira vez duas equipes europeias estiveram no pódio e a Iugoslávia conquistou uma medalha inédita, ficando em segundo lugar, com Estados Unidos e União Soviética em primeiro e terceiro lugares, respectivamente. O Brasil terminou a competição em quarto lugar¹⁰.

Após a primeira edição dos Jogos Olímpicos na América Latina (Cidade do México), foram realizadas as edições de 1972 (Munique) e 1976 (Montreal). Na cidade alemã, pela primeira vez, um país da América Central conquistou uma medalha (Cuba) e os Estados Unidos não foram medalhistas de ouro, perdendo a hegemonia para a União Soviética em um jogo polêmico devido a alegação de uma falha no cronômetro em que a partida foi novamente iniciada e os soviéticos conseguiram os pontos da vitória³⁰. Quatro anos depois, a competição regressa ao continente americano e com uma grande notícia: o início do basquete feminino no programa olímpico³¹. Depois de não conquistar o ouro em Munique, os Estados Unidos voltaram ao lugar mais alto do pódio em uma vitória tranquila sobre a Iugoslávia, que impediu a reedição da final realizada há quatro anos, vencendo a semifinal contra a União Soviética⁶.

Como citado anteriormente, a edição dos Jogos Olímpicos realizada em Moscou, em 1980, foi a única em que os Estados Unidos não estiveram presentes no pódio, devido ao boicote da delegação estadunidense à edição realizada na União Soviética. Os donos da casa não chegaram à final, sendo derrotados pela Itália que, posteriormente, foi vencida pela Iugoslávia que conquistou seu primeiro ouro olímpico³². Na edição seguinte, em Los Angeles, foi a vez da União Soviética realizar o boicote e não participar da competição, vencida pelos Estados Unidos e com a primeira medalha da Espanha. Ademais, estiveram presentes pela primeira vez no cenário olímpico as lendas Drazen Petrovic e Michael Jordan⁶. Após 12 anos, Estados Unidos e União Soviética voltaram a participar de uma

mesma edição olímpica, sendo a última participação dos soviéticos, que venceram os Estados Unidos na semifinal e a Iugoslávia na final. Como destaque individual desta edição, o brasileiro Oscar Schmidt fez 55 pontos na partida contra a Espanha, recorde que persiste até hoje¹⁰.

Em 1992 foi iniciada uma nova era para o basquete nos Jogos Olímpicos: a inclusão dos atletas da NBA. Os Estados Unidos, com 11 atletas da NBA e 1 atleta da *National Collegiate Athletic Association* (NCAA) - basquete universitário -, conquistaram a medalha de ouro com uma dominância jamais vista, vencendo todos os jogos por, no mínimo, 32 pontos⁶. As medalhas de prata e bronze ficaram para Croácia e Lituânia, países que não faziam mais parte de Iugoslávia e União Soviética. Em 1996, na cidade de Atlanta, 100 anos após a primeira edição dos Jogos Olímpicos, o apelidado Dream Team II conquistou outra medalha de ouro à seleção estadunidense derrotando a Iugoslávia na final; assim como em 1992, a Lituânia ganhou o bronze¹⁰.

Em 2000, em Sydney, pela terceira edição consecutiva os Estados Unidos conquistaram o ouro, tendo a França com a prata e a Lituânia, pela terceira vez seguida, com o bronze⁶. A edição subsequente, em Atenas, em 2004, proporcionou a volta dos Jogos Olímpicos à capital grega e consagrou o legado da *Generación Dorada*, que levou ao basquete argentino a primeira medalha de ouro em sua história; somado a isso, os Estados Unidos perderam três jogos em Atenas (Porto Rico, Lituânia e Argentina) e ficaram apenas com a medalha de bronze, enquanto a Itália conquistou a prata¹⁰. A edição de 2008, em Pequim, marcou a volta do pré-olímpico como meio de classificação à competição e, também, o *Redeem Team*, com a volta dos Estados Unidos ao lugar mais alto do pódio, seguidos pela Espanha e pela Argentina¹⁰.

Pela terceira oportunidade, em 2012, Londres recebeu os Jogos Olímpicos, os quais, após 16 anos sem figurar no cenário olímpico, o Brasil voltou a estar na competição, que novamente foi vencida pelos Estados Unidos em mais uma final equilibrada contra a Espanha; a medalha de bronze ficou com a Rússia, que conquistou sua primeira medalha após o término da União Soviética⁶. Em 2016, no Rio de Janeiro, a Sérvia competiu pela primeira vez sem estar integrada a Iugoslávia e em conjunto com Montenegro e conquistou a medalha de prata, sendo derrotada na final pelos Estados Unidos; o bronze ficou com a Espanha, sendo a terceira medalha seguida da *La Familia* na competição⁶.

Iniciando a terceira década do século XXI, em 2021, em Tóquio, devido a pandemia do COVID-19, não houve público nos locais de competição. O torneio olímpico foi o último certame da carreira da lenda do basquete argentino, Luis Scola. Os Estados Unidos venceram mais uma medalha de ouro; contudo, tiveram sua primeira derrota desde Atenas, em 2004³³. A França, equipe que derrotou a seleção estadunidense na primeira fase, terminou com a medalha de prata e a Austrália logrou a medalha de bronze, sendo a primeira medalha para a Oceania no basquete masculino³³. Três anos depois, em Paris, Estados Unidos e França se enfrentaram mais uma vez pela medalha de ouro; entretanto, mesmo com o grande apoio da torcida local, os franceses não conseguiram derrotar a seleção estadunidense, de LeBron James e Stephen Curry, que conquistou o ouro pela quinta vez consecutiva; completando o pódio, a Sérvia logrou a medalha de bronze³⁴.

Conclusão

Fundamentado no objetivo e na pergunta de pesquisa, este artigo apresentou todas as edições do basquete nos Jogos Olímpicos, de 1936 a 2024, a quantidade de participações, o retrospecto histórico, seus medalhistas, além da breve realização de comentários sobre cada edição, dentro do que compõe a literatura associada à temática. Ademais, também foram aludidas questões como a mudança do número de participantes na competição, a globalização da modalidade e o modo de classificação para o certame. Também foram abordados tópicos como a profissionalização das ligas, forma de classificação à competição, globalização no que tange à modalidade e geopolítica.

É evidente o domínio dos Estados Unidos na modalidade, não conquistando a medalha de ouro em apenas quatro oportunidades. Ressalta-se, também, que, observando histórico das edições, há um certo padrão em relação às seleções medalhistas de prata e de bronze, tendo nos primeiros anos a aparição de alguma seleção do continente americano acompanhando Estados Unidos e União Soviética no pódio; depois com Iugoslávia e União Soviética evidenciando a força do basquete europeu e rivalizando com os Estados Unidos; e, desde a edição de Barcelona, seleções como Lituânia, Espanha, Sérvia e França evidenciando a solidez do basquete europeu, além da Argentina foram as que mais se destacaram - sendo esta, a única seleção da América Latina a vencer a medalha de ouro.

No que tange à América do Sul, cinco das sete primeiras edições tiveram um medalhista sul-americano - com ênfase para Brasil e Uruguai. Depois da última medalha conquistada por algum país da América do Sul (Brasil, em 1964), somente em 2004 outra seleção deste território voltou a ser medalhista, a Argentina, em 2004 e, posteriormente, em 2008. Salienta-se também que outras seleções do continente americano conquistaram medalhas, México e Canadá (América do Norte) e Cuba (América Central). Ao todo, sete países do continente americano conquistaram alguma medalha.

Por fim, no que se refere às limitações para a realização deste estudo, cita-se o baixo número de trabalhos que abordam a história do basquete masculino nos Jogos Olímpicos. Sobre a contribuição deste manuscrito, ressalta-se a colaboração à bibliografia sobre o tema e a atualização desta com os resultados e as informações referentes à última edição dos Jogos Olímpicos. Como sugestões para pesquisas futuras, recomenda-se prosseguir com os estudos das edições do basquete masculino nos Jogos Olímpicos, um estudo sobre a história do basquete feminino nesta competição e a realização de estudos estatísticos no que se refere ao desempenho das equipes nas partidas.

Referências

- 1 Myerscough K. The game with no name: the invention of basketball. *The International Journal of the History of Sport*. 1995;12(1):137-52.
- 2 De Rose Junior D. O basquetebol masculino nos Jogos Olímpicos: de Berlin a Atenas. *Lecturas: Educ Física y Deportes*. 2005;(80):1-5.
- 3 De Rose Junior D. O basquetebol brasileiro nos jogos olímpicos. *Rev Corpoconsciência*. 2008;12(2):27-39.
- 4 Takotra P. Past & present scenario of basketball in relation to Olympics. *Int Journal of Research Pedagogy and Technology in Educ and Mov Sciences*. 2022;11(2):24-30.
- 5 Rubio K. Processos migratórios e deslocamentos: caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992. *Olimpianos-Journal of Olympic Studies*. 2017;1(1):53-67.
- 6 De Rose Junior D. O basquetebol masculino nos Jogos Olímpicos: história e a participação do Brasil. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades; 2017.
- 7 International Olympic Committee. Olympic Charter. Lausanne: IOC;2024 [citado 28 aug 2024]. Disponível em <https://stillmed.olympics.com/media/Documents/International-Olympic-Committee/IOC-Publications/EN-Olympic-Charter.pdf>
- 8 Rubio K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Rev Bras de Educ Física e Esporte*. 2010;24(1):24-30.
- 9 Torrano CV, Ortega GT. El baloncesto, 121 años después de su invención: entre el deporte y la americanización. *Ars Brevis*. 2012;(18):226-71.
- 10 Grasso J. Historical dictionary of basketball. Scarecrow Press: Lanham: Scarecrow Press; 2011.

- 11 National Basketball Association. NBA rosters feature record 125 international players from 40 countries [citado 3 set 2024]. NBA. 2023. Disponível em <https://www.nba.com/news/nba-international-players-2023-24>
- 12 Liskai R. Quais são os atletas da NBA que vão jogar nas Olimpíadas? Veja lista [citado 4 set 2024]. UOL. 2024 Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2024/07/27/quais-sao-os-atletas-da-nba-que-vao-jogar-nas-olimpiadas-veja-lista.htm#:~:text=Ao%20todo%2C%2050%20jogadores%20que,inteiramente%20por%20jogadores%20da%20NBA>
- 13 Sapetka P. EuroLeague players in Paris 2024 Olympics: Which team has the most? [citado 6 set 2024]. Basket News. 2024. Disponível em https://basketnews.com/news-209614-euroleague-players-in-paris-2024-olympics-which-team-has-the-most.html#google_vignette
- 14 Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas; 2002.
- 15 Sousa AS, Oliveira GS, Alves LH. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*. 2021;20(43):64-83.
- 16 Sá-Silva JR, Almeida CD, Guindani JF. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Rev Brasileira de História & Ciências Sociais*. 2009;1(1):1-15
- 17 Kripka RML, Scheller M, Bonotto, DL. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Rev de Investigaciones UNAD*. 2015;14(2):55-73
- 18 Chiba N. The glocalization and management of professional basketball leagues: the Euroleague, National Basketball League of Australia and bj-league of Japan. *Asia Pacific Journal of Sport and Social Science*. 2015;4(2):134-43.
- 19 Gulak-Lipka P. Internationalization and managing diversity on the basis of professional basketball clubs. *Journal of Physical Education and Sport*. 2020;20(6):3591-98.
- 20 FIBA. International basketball migration report 2024. CIES; 2024 [citado 18 fev 2025]. Disponível em <https://assets.fiba.basketball/image/upload/documents-corporate-studies-and-facts-international-basketball-migration-report-2024.pdf>
- 21 Ivašković I. Personnel and human source management specifics of basketball clubs: the case of post-transitional South-East European countries. *IJCBE*. 2020;1(2):38-53.
- 22 Sushko R, Ivanenko H, Holovach, I. Technology of basketball training planning adjusted for the influence of high performance sports globalization factors. *Sport Science and Human Health*. 2019;1(1):46-52.
- 23 Štaud, O. Internal and external political function of sport. *Journal of Human Sport and Exercise*. 2014;9(1):359-68.
- 24 Kobierecki, MM. Sport in international relations expectations, possibilities and effects. *Interdisciplinary Political and Cultural Journal*. 2013;15(1):49-74.
- 25 Trikaliotis P. Sports Diplomacy and its effects on states relations: four case studies [tese]. Sparta: University of Peloponnese, 2011.
- 26 FIBA. Qualification system - games of XXXI Olimpiad - Rio 2016. FIBA; 2016 [citado 12 fev 2025] Disponível em https://olimpiyat.org.tr/Rio2016_Branslar/Basketbol.pdf
- 27 FIBA. Qualification system - games of XXXIII Olimpiad - Paris 2024. FIBA; 2023 [citado 14 fev 2025]. Disponível em <https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Olympic-Games/Paris-2024/Paris2024-QS-FIBA-Basketball.pdf>

- 28 Carlson C. Basketball's forgotten experiment: Don Barksdale and the legacy of the United States Olympic Basketball Team. *The International Journal of the History of Sport*. 2010;27(8):1330-59.
- 29 Pluta B, Andrzejewski M, Lira, J. The effects of rule changes on basketball game results in the men's European basketball championships. *Human Movement*. 2014;15(4):204-08.
- 30 Adler P, Adler PA. (1978). The role of momentum in sport. *Urban Life*. 1978;7(2):153-75.
- 31 Emery L. Women's participation in the Olympic Games: a historical perspective. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*. 1984;55(5):62-72.
- 32 Perica V. United they stood, divided they fell: nationalism and the Yugoslav school of basketball, 1968–2000. *Nationalities Papers*. 2001;29(2):267-91.
- 33 Olympic Games Tokyo. Tokyo 2020 Men Results - Olympic Basketball [citado 18 ago 2024]. Olympic Games. 2021. Disponível em <https://olympics.com/en/olympic-games/tokyo-2020/results/basketball/men>
- 34 Olympic Games Paris. Olympic Basketball | Paris 2024 Olympics [citado 21 ago 2024]. Olympic Games. 2024. Disponível em <https://olympics.com/en/paris-2024/sports/basketball>